



Olhar o Sul

MANUEL ENNES FERREIRA

Covid e terrorismo em África

30.05.2020 às 10h23

O impacto do terrorismo em África entre 2007 e 2016 é avaliado pelo PNUD em, pelo menos, 119 mil milhões de dólares, isto é, sensivelmente o mesmo montante que a União Africana pede em apoio financeiro à comunidade internacional para fazer face ao impacto da covid! Naquele período, o custo anual aumentou dez vezes, atingindo 15.5 mil milhões em 2016, sendo Nigéria, Mali, Somália e Líbia responsáveis por 94%. Finalmente, e em termos mundiais, a quota de África neste indicador passou de 4,2% para 20,3%. Esta introdução serve para situar a importância do custo económico das atividades terroristas no continente, mas não traduz o impacto social e político do fenómeno. Ora em situação pandémica como a da covid é preocupante o reforço da ação de grupos terroristas e radicais na África Subsaariana, quer na região do Sahel, da bacia do lago Chade, na zona do Corno de África ou nos países da costa oriental.

A Covid e o terrorismo em África são dois vírus que, coabitando, exponenciam os danos económicos

O confinamento imposto pelos governos implica uma menor disponibilidade de provisão de serviços sociais ou de acesso à alimentação. Acresce os cortes e a reorientação de despesa do sector de segurança e militar numa altura em que as receitas fiscais caem a pique. Por outro lado, missões internacionais estacionadas nos pontos quentes têm ordens para não fazer rotações no terreno, como sejam, por exemplo, os 14 mil homens da MINUSMA estacionados no Mali e que abarcam igualmente o Burkina Faso e o Níger, os 5100 franceses da Operação Barkhane, a Força Multinacional contra o Boko Haram (Nigéria e igualmente parte dos Camarões e Chade) e a AMISOM na Somália. Não há, assim, melhor cenário para aqueles grupos poderem estender a sua atividade, o que também ocorre no Sudão do Sul, na República Democrática do Congo ou, grande novidade, no norte de Moçambique. E têm-no feito. Entre meio de março e meio de abril,

os ataques violentos aumentaram 37%. Bem pode António Guterres em nome da ONU ter apelado para um cessar de hostilidades durante este período. Pelo contrário, os grupos afiliados à Al-Qaeda e ao ISIS propagandeiam que a covid é uma pandemia lançado sobre os muçulmanos e uma demonstração da decadência do Ocidente. Uma doutrinação como esta, quando acompanhada por algum cuidado médico e abastecimento alimentar, cria um ambiente propício à adesão. E quando a taxa de desemprego da juventude é o que se sabe em África, a situação dos próximos anos é muito perigosa. E, à medida que medra pelo continente esta pecha, mais obstáculos África enfrentará na sua retoma e, sobretudo, no seu objetivo de criar um espaço económico aberto e comum.

Professor do ISEG/ULisboa